

Educação Popular

373(81)

RENATO TRAVASSOS

I

RECREAÇÃO OPERÁRIA

DURANTE vários anos, devido a cargo que ocupávamos no Ministério da Educação e Cultura, tivemos oportunidade de escrever sobre assuntos educativos, inclusive sobre recreação operária que é um dos aspectos mais importantes da educação popular. Como se sabe, quanto possuímos em tal sentido ainda não representa orientação segura e, conseqüentemente, está longe de significar algo eficiente, em benefício das classes trabalhadoras do nosso país. No entanto, é dever do Estado tudo fazer ao seu alcance para tornar o operário menos embrutecido mesmo pelo trabalho grosseiro, interferindo assim de maneira vigilante, a fim de que as horas de ócio não lhe sejam nocivas, desperdiçadas na taberna ou em qualquer outra ociosidade no decorrer da qual o seu corpo se contamine de enfermidades insidiosas e o seu espírito se corrompa por aquisições inferiores.

Cumprido, pois, ao Governo criar e manter órgãos especializados que facultem meios adequados, propícios a originar hábitos que conduzam a um nobre aproveitamento dos lazeres e influam para tornar o indivíduo bem disposto para o trabalho. O chamado homem do povo não se deve apenas preparar para as ocupações exclusivamente utilitárias, desprovidas de conteúdo intelectual e estético; deve-se também preparar para o convívio social, provido de qualidades que o coloquem como um valor humano harmonioso entre os demais valores de que se constituem os ambientes sociais de boa formação moral.

Compreendendo-o, o Governo de todo o país civilizado se preocupa com o assunto, no empenho de que as classes trabalhadoras tenham a melhor assistência possível no trabalho e fora dele, visando-se com isso à sua sanidade física e psíquica, porque só assim maior e melhor será o rendimento do trabalho. Além de lhes serem facultados meios de produzir com esmero, facultam-se-lhes horas para repouso e recreio; repouso para evitar o esgotamento físico, e recreio para propiciar o desembrutecimento psíquico.

Na Inglaterra, por exemplo, chegou-se à conclusão de que o recreio, mesmo durante o trabalho, elimina a fadiga e concorre para o aumento de uma produtividade esmerada. Em virtude do programa *Música, enquanto*

trabalhas, lançado pela BBC, de Londres, verificou-se, nas fábricas inglesas, que o adotaram, que a produção lucrara consideravelmente em quantidade e qualidade. E isto, porque a música não só auxilia a afastar cansaços e aborrecimentos como estimula no operário a capacidade realizadora, estimulando-se em trinta por cento o acréscimo da sua produção. O que era uma simples experiência sem nenhuma base racional predeterminada, passou a ser adotado como medida salutar, vantajosa tanto para o operário quanto para a indústria.

Fora das horas de trabalho propriamente ditas, o tempo que sobrar do destinado ao repouso inativo, isto é, ao sono reparador, deve ser aproveitado de acordo com a preferência, a habilidade e o físico de cada um, ora nos desportos, ora na cultura artística, e sempre de modo a ser utilizado em ocupações recreativas benéficas.

Há quem, referindo-se aos trabalhadores brasileiros, diga, no entanto, que, ao invés dessa recreação com a qual se terá de gastar muito dinheiro, toda assistência destinada aos proletários se deve resumir tão somente em escolas e hospitais, pois que somos um país paupérrimo e de analfabetos e de enfermos. Sem deixar de reconhecer, que, realmente, a enfermidade é a ignorância campeiam em o nosso país, nem por isso deixaremos de julgar seja de grande utilidade essa recreação. Ao demais, considerável já é o número de trabalhadores brasileiros para os quais os desportos, as boas leituras, o teatro, o cinema e a música constituem recreação preferida.

Os sociólogos modernos são acordes em que ao Estado cumpre velar pelas classes trabalhadoras, tudo fazendo para que elas não se debilitem sob qualquer aspecto, em desgastes físicos e em rebaixamentos morais. Paralelamente a escolas e hospitais, devem existir instituições recreativas para os operários e suas famílias. Decerto grande parte dos que trabalham nas nossas fábricas e oficinas se compõe de indivíduos saudáveis, ainda assim recreá-los é concorrer com eficiência para torná-los melhor ajustados às suas atividades práticas. Sobretudo os jovens muito poderão lucrar, desviando-se, nas horas de folga, dos caminhos que conduzam ao vício e, conseqüentemente, à perdição, como, em geral, acontece aos que não se guiam por bons exemplos e bons ensinamentos, condizentes com uma vida digna, mesmo na pobreza. Uma juventude, na qual o corpo e o espírito se harmonizem em crescimento e sanidade, resultará, mais tarde, na idade adulta, em uma garantia de progresso e prosperidade para a sua pátria. Talvez em nenhum outro país como no nosso, tanto se precise de instituições que orientem os jovens que se destinem ao operariado. Em sendo assim, maior se torna a necessidade do Governo tomar a si o encargo e a responsabilidade dessa orientação. Seria, no entanto, absurdo promovê-la, visando a uma compensação de caráter político, pois tudo acabaria em demagogia desfigurante da verdadeira finalidade em mira.

Além de escolas primárias e profissionais de educação pragmática, de sentido ativo e de preparo de acordo com as necessidades brasileiras, cumpre ao Governo intervir nas atividades extra-escolares, a fim de que a juventude operária tenha boa formação. Daí a importância dos órgãos oficiais e oficiais de recreação operária. Para consegui-lo de modo eficiente, basta que essa recreação obedeça a um programa racional, do qual se excluam as

improvisações empíricas e contraproducentes, motivadoras de prejuízos a quem se pretende servir, dando ainda oportunidade a críticas, demolidoras mas fundadas, dos que são mais propensos a censurar do que a louvar.

Não será por muito repetido que se cuidará inválido o conceito pedagógico de que a criatura humana em tôdas as idades se pode expor a contaminações físicas e morais. Conclui-se, pois, que o homem é mais um produto do meio do que de si mesmo, e que há necessidade dêle ser educado intencionalmente. Quando não lucre o trabalhador adulto, lucram aquêles que amanhã o substituirão nas fábricas e nas oficinas, onde quer que seja em que tenham de lutar pela própria subsistência e de ser úteis a si mesmos e à coletividade.

Como se disse no início destas apressadas considerações de caráter pedagógico, é dever do Estado não poupar esforços no quanto possa fazer o trabalhador brasileiro menos embrutecido pelo trabalho, colocando-o também a coberto dos perigos de um ócio mal aproveitado. Com isso o Estado estará contribuindo de maneira decisiva para o progresso e a prosperidade nacionais, visto uma nação só se engrandecer, tornando-se rica e poderosa, quando possui bem educadas as suas classes trabalhadoras. Vários países disto bem se aperceberam, entre os quais a Inglaterra, que pode servir de modelo a países como o Brasil, hoje a caminho de uma industrialização que, de dia para dia, mais se acelera. Por isto mesmo é que os nossos trabalhadores precisam de apresentar-se de boa sanidade física e moral.

Fora dos lugares de trabalho, o nosso trabalhador só teria a lucrar se encontrasse maneira de recrear-se com proveito, valendo-se de uma recreação formadora de elementos humanos capacitados para o trabalho realmente fecundo e valioso. E êle bem merece o amparo e a defesa oficiais. Já a 1 de maio de 1956 o próprio Presidente da República dizia fazendo-lhe justiça: «É preciso proclamar de uma vez para sempre as qualidades do nosso operário, dêsse trabalhador que os técnicos estrangeiros, com experiência em nossa terra, reconhecem ser excepcionalmente dotado para as mais difíceis tarefas, invariavelmente, aprendendo depressa o que se lhe ensina, com rara capacidade de apreensão, mobilidade e eficiência. Todos os testemunhos, os mais insuspeitos, proclamam a vossa capacidade, a vossa inteligência, o vosso entendimento das coisas, tão mais extraordinário quanto sempre improvisado e espontâneo. Aprendeis por vós mesmos, uma vez que pouco vos transmitiram para que fôsseis eficientes, nem pela tradição, nem pelo aprendizado. A campanha do desenvolvimento do Brasil não se deixará de realizar por falta de elemento humano do trabalho. Sois uma legião herôicamente resistente à vida mais dura, mais disposta à conquista de nossa prosperidade, que será também a vossa prosperidade. Contando com o vosso apoio, faremos dêste país alguma coisa de poderoso, de forte, de saudável; contando com o vosso apoio, silenciaremos os negativos, os improdutivos, que desejem que uma nação nova como esta seja uma terra decadente, entregue ao desânimo».

Nestas poucas palavras do Presidente JUSCELINO KUBITSCHKE está julgado com perfeita justiça o trabalhador brasileiro, que, aprendendo por si mesmo, graças à sua inteligência, se pode comparar aos melhores artífices

estrangeiros. Ampará-lo e defendê-lo sob todos os aspectos, visando ao seu bem-estar, é dever de quem governa, tendo em vista o progresso e a prosperidade do Brasil. Somos, além do mais, um país em formação e, portanto, dependente dos que trabalham e produzem, bem apercebidos dos requisitos indispensáveis, entre os quais esta recreação sadia e educativa.

II

TRABALHO E JUSTIÇA

O Brasil ainda carece no presente, como sempre careceu no passado, de trabalho e justiça, mas de trabalho metódico, alertado e produtivo, e de justiça na distribuição e na remuneração desse mesmo trabalho. São estas as duas condições mágicas de que, como o diz RUI BARBOSA, depende acima de tudo, a sorte das administrações, para o engrandecimento do país. Buscando-se os homens para os cargos e não os cargos para os homens, ter-se-á banido um dos maiores males, se não o maior de todos, que motivam o entravamento do nosso progresso e da nossa prosperidade. Não fôsse a injustiça como estímulo a incapacidades, o desrespeito ao merecimento, e o nosso país estaria hoje, apesar das crises internacionais e das transformações por que vem passando o mundo, em uma situação menos aflitiva, não tendo como tem agora a enfermidade e a penúria a lhe rondarem os lares de milhões de brasileiros, onde mingua o indispensável à subsistência e de onde deserta a alegria de viver.

Nunca RUI BARBOSA foi, como nos dias em que vivemos, mais atual na sua pregação doutrinária e, portanto, educativa, no empenho sem desânimo de meio século por um Brasil melhor, porque virtuoso e produtivo, digno de si mesmo e merecedor das riquezas naturais do seu imenso território ainda mal explorado. Pregando a cada individuo tenha amor à tarefa profissional que escolher de acordo com a sua preferência ou vocação, punha-se êle a ensinar como se trabalha e como se distribui justiça aos que trabalham: «A desvalorização da capacidade tem por conseqüência a desestimação do trabalho. A mocidade se abastarda, se enxovalha, desertando o estudo e desamando as causas generosas, para se alistar na turba dos postulantes e esfervilhar entre os cortesões. Com a justiça postergada se vai o estímulo, com o estímulo a vergonha, com a vergonha a moralidade, com a moralidade a compostura, com a compostura a ordem, com a ordem a segurança; e, rapidamente, como em todo o organismo vivo, debaixo da ação dos grandes tóxicos, a sociedade se desorganiza, decompõe e dissolve».

É que a injustiça, empeçonhando o ambiente moral da nação, corrompe a nacionalidade, e esta, uma vez corrompida, só por um milagre poderá voltar à compreensão da vida no plano das virtudes. E RUI BARBOSA sempre quis que o homem brasileiro pusesse todo o seu cuidado, tôda a sua inteligência e diligência em levar a têrmo a sua tarefa humilde ou relevante; dirigia-se mais aos jovens, porque a êstes, mais do que aos outros, se deve dizer que «o trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a ação continua sobre si mesmos e sobre o mundo onde labutamos».

Embora êle se julgasse por si mesmo um pregador de verdades inúteis e de conselhos desprezados, nem por isto deixou RUI BARBOSA de ser ouvido, tanto assim que aqui estamos a invocá-lo, desmentindo-o em sua autocrítica. E, se o fazemos, é porque o apóstolo era *um homem cuja inteligência o levava a compreender as posições eternas do homem*.

Medite o leitor na oportunidade dêstes conceitos: «Cada competência que se rejeita, cada merecimento que se desdenha, cada gênio, cada talento, cada saber que se recusa, que se desgosta, que se persegue, negando-se-lhe honras, prêmios e cargos, para se distribuírem, como liberação, a válidos e ociosos, a ignorantes e nulos, a comensais e parasitos, é um valor de cultura, um valor de produção, um valor de riqueza que se subtrai à fortuna do país e de que se priva o tesouro geral da humanidade. São atos de desperdício, dilapidação e loucura, com cada um dos quais ninguém sabe quanto vai perder a nação e o gênero humano».

Em poucos países, como no nosso, tantos valores se perdem, à força de serem negados, perseguidos, ou desprezados, a fim de dar lugar ao demérito, à incompetência, ao filhotismo parasitário e nocivo. Nem sempre um individuo se coloca, principalmente em uma posição de responsabilidade, valendo-se apenas dos seus méritos próprios reconhecidos e não de influências outras.

Por isto mesmo é justa a impressão, dada a quem nos observa, de que nós, brasileiros, vivemos a prejudicar o Brasil, quando já temos tempo de sobra para dêle ter feito uma das nações mais poderosas do mundo. Naturalmente há uma minoria de valor a opor reações a êsses entraves morais, a êsses hábitos e tendências contrários aos interesses nacionais. Decerto não é tarefa, que se leve a têrmo de um dia para a noite, esta de colocar o Brasil em marcha triunfante para o futuro afirmativo e brilhante. Contudo aquela minoria *reacionária* é que, felizmente, impede que se alastre esta surda deterioração física e moral da nacionalidade.

Temos tido governos que dão de si o máximo, em seu patriótico empenho de bem servir ao Brasil, cujos problemas vitais ainda à espera de solução adequada são muitos. Por mais que êstes governos façam em benefício da nacionalidade, inúmeras coisas de transcendente importância ficam por fazer. Justificam-se, porém, as esperanças, quando, atualmente, se estimula o trabalho, dando-se amparo e defesa ao trabalhador, ao qual, no entanto, ainda carece de mais assistência oficial, a fim de tornar-se mais eficiente e melhor a sua produção.

Do trabalho firmado em uma justiça de verdade é que depende o Brasil para progredir e prosperar. Digo-o não como sociólogo, ou coisa que o valha, mas como simples trabalhador que sempre fui e, como tal, fiquei sabendo, por experiência própria, o bastante para opinar a respeito. Para que o trabalho apresente rendimento e esmêro é mister esteja o trabalhador armado do necessário em físico e espírito, além de profissionalmente preparado. Precisa ainda seja valorizada a sua capacidade, a fim de que êle, trabalhador, jamais desestime o trabalho. Mal remunerado e mal assistido, o trabalhador viverá sempre atribulado e, portanto, incapacitado para o próprio trabalho.

Não basta, pois, reconhecê-lo apenas. O trabalhador brasileiro não pode ainda conquistar o que lhe é devido e lhe seria o suficiente para

igualar-se ao trabalhador dos países onde o trabalho constitui a base das respectivas nacionalidades, tornando-as em nações ricas e poderosas. Trate-se embora de assunto para ser cuidado com extensão e profundidade, não por um jornalista apressado, mas por alguém identificado com as reivindicações do trabalhador brasileiro e com as realidades da nossa vida contemporânea de nação jovem, meio confusa em seu anseio por um futuro no qual se apresente em tôda a sua plenitude, atrevo-me a estas considerações, porque a um jornalista não há assunto defeso...

III

INDUSTRIALISMO EDUCACIONAL

Todos quantos se interessam pela educação da mocidade brasileira, desejando-a convenientemente preparada para a vida, cada dia mais exigente em sua complexidade, vivem apreensivos com o que se verifica no ensino, principalmente no secundário, transformado, nestes últimos anos, em uma indústria amoral, de graves conseqüências para a nacionalidade, cujo futuro e sobrevivência dependem de *como fôr educada*, no presente, essa mesma mocidade que se deve aperceber de conhecimentos e aptidões adequados como meios hábeis de reflexão e realização, a fim de se tornar herdeira consciente da experiência das gerações anteriores em seus hábitos de sentir, de pensar e proceder, capacitando-se ainda para a conquista de novos elementos de aperfeiçoamento em suas aspirações a um tipo de vida progressiva. No ensino secundário é que está, a bem dizer, a base dessa educação ampliativa e aperfeiçoadora. Trata-se, portanto, de um grau de ensino decisivo para a formação mental, moral e física dos imaturos, possibilitando-se-lhes acesso a níveis de aprendizado mais altos porque científico, técnico e artístico.

Muito do que, no entanto, dêste ensino se ministra em o nosso país deforma a inteligência e corrompe o caráter dos educandos. Além do que há de antipedagógico nas reformas sucessivas, prenhes de um enciclopedismo contraproducente, há também muito de lamentável naquilo de que o ensino mais necessita para a sua eficiência: o professor, o qual só o é de fato, quando possua preparo e clareza na docência, para que os seus ensinamentos transmitidos possam encontrar propícia receptividade nos alunos. Infelizmente nem todos que exercem o magistério no Brasil possuem semelhantes requisitos didáticos, indispensáveis naqueles que se dedicam ao ensino.

Uma fórmula, no entanto, terá de ser encontrada para se colocar o ensino a coberto de tudo isso que, atualmente, o prejudica. A boa educação é como a boa alimentação, aquela para manter a vida social, e esta para sustentar a vida fisiológica. Uma e outra devem, pois, estar sempre em condições de bem nutrir o espírito e o corpo. Para que a educação do povo corresponda à sua finalidade, aquêles que dela se encarregam não se devem improvisar; devem-se antes apresentar com as indispensáveis credenciais intelectuais, morais e didáticas. E é de lastimar-se que assim não seja de um modo geral, em nosso país.